

MARTIN LUTHER KING E OS PRINCÍPIOS ÉTICOS DA NÃO VIOLÊNCIA

Daniel da Rosa Eslabão

<https://orcid.org/0000-0002-1866-2606>

Universidade Federal de Pelotas - UFPel, Doutorado em Filosofia, Pelotas/RS -
Brasil

sociologiabrasil@yahoo.com

Recebido em: 30 de maio de 2023

Aceito em: 06 de junho de 2023

Resumo: Neste artigo, visamos analisar aspecto pouco destacado da vida e da obra de Martin Luther King: sua instrução filosófica e percurso intelectual, visando compreender os princípios por ele estabelecidos entendidos, enquanto técnica de ação social, visando a transformação da sociedade. Através do estudo de um dos seus textos mais importantes, no qual descreve seu percurso de formação intelectual para a formulação dos *Seis princípios da não-violência*; conjunto de preceitos éticos eficientes para a resolução de conflitos por meio da resistência pacífica visando, a construção de uma sociedade justa e pacífica. Teremos, em referência deste estudo o texto *My Pilgrimage to Nonviolence* (KING, 1958). Percebemos que o autor percorreu um caminho formativo, com sólidas bases filosóficas, embora suas maiores influências estejam próximas ao pensamento de Mahatma Gandhi e Henry David Thoreau.

Palavras-chave: Não violência; Martin Luther King; Ação Social.

MARTIN LUTHER KING AND THE ETHICAL PRINCIPLES OF NON-VIOLENCE

Abstract: In this article, we aim to analyze a little highlighted aspect of the life and work of Martin Luther King: his philosophical instruction and intellectual path, to understanding the principles established by him, like strategy for action and social change. Through the study of one of his importantiest texts, in wich he describe his journey and personal formation for the formulation of the Six principles os non-violence; set of eficiente ethical precepts in conflict resolution by resources such as peaceful resistance, aiming at ultimate goal of building a just and peaceful society. The main reference of this study will be this article *My Pilgrimage to Nonviolence* (King, 1958). We perceive that the author followed a formative path, with solid philosophical studies, althought his greatest influence closed by the work of Mahatma Gandhi and Henry David Thoreau.

Keywords: Nonviolence; Martin Luther King; Social action.

INTRODUÇÃO

Nos Estados Unidos da América e grande parte dos países da América, têm no seu transcurso histórico o fenômeno da escravidão em larga escala. Após a superação do regime escravagista, ainda permaneceu naquela nação, o mal social do preconceito e da discriminação. Nos estados sulistas, haviam leis que promoviam

verdadeira apartação social em espaços públicos. Este foi o contexto no qual viveu o autor que aqui analisaremos.

Martin Luther King Jr. (1929-1968), foi um dos mais importantes ativistas sociais do século XX. Doravante, ao nos referirmos ao autor, omitiremos, por costume de referência, o termo Júnior, que indica filiação e tem sido habitualmente suprimido (BRUNS, 2006, BUTLER, 2021). Suas habilidades de orador, pastor e qualidades pessoais são lembradas continuamente, por historiadores e biógrafos. Contudo, King foi também um intelectual de sólida formação acadêmica. Era comum, em vida, ser reconhecido pelo seu título elevado: *Doctor King*. Ou, ainda, pela forma abreviada *Doc*.

Neste texto, desejamos apresentar dois pontos relevantes acerca do pensador em questão, em primeiro lugar, demonstrar seu perfil intelectual, mediante uma consistente instrução universitária e dos filósofos e personalidade eminentes com as quais dialoga; em um segundo momento, apresentar brevemente os princípios da não-violência, como um conjunto de preceitos éticos aplicáveis de modo atemporal em situações de conflito. Defendemos o ponto de vista segundo o qual o grande orador e líder do movimento pelos direitos civis, tinha em mente fundamentos teóricos de ordem filosófica que sustentavam seus argumentos, ao considerar pensadores de grande vulto neste campo do saber humano, tais como: Hegel, Marx e Nietzsche. Entre sua formação acadêmica e a inspiração teológica se encontram as bases dos seis preceitos básicos da não-violência. Ironicamente, perdeu sua vida assassinado, em Memphis, Tennessee, em 1968. Mas, seu legado não foi, nem será esquecido.

Iniciaremos nossa preleção pela apresentação dos dados biográficos do autor, em seção na qual cotejaremos dados da sua vida pessoal com ênfase ao duplo viés: ativismo e formação. Em seguida, realizaremos apresentação dos princípios basilares sobre os quais King, baseou sua cruzada em favor dos direitos civis nos Estados Unidos da América. Teremos em destaque um dos seus mais importantes discursos, publicado na cidade de Nova York em setembro de 1958: *My Pilgrimage to Nonviolence*. Por fim, discutiremos a atualidade do autor, como alguns pensadores contemporâneos têm o lembrado e visto em seu legado como contribuição as questões sociais do nosso tempo, acerca do *como* agir para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária, comprometida com o ideal da paz.

Em uma instância secundária, pretendemos em nosso artigo traçar algumas aproximações entre os princípios propostos por King e a de outros precursores relevantes da causa da paz: Henry David Thoreau, seu conterrâneo estadunidense e Mahatma Gandhi, um dos maiores líderes do século XX, que enfrentou o poderoso Império Britânico, em sua causa relativa à independência da Índia. Ao olhar a história em uma perspectiva retrospectiva todos eles nos mostram, que o ideal de conciliação não é uma Utopia. Vemos, os argumentos em favor do pacifismo, uma força de enfrentamento as injustiças sociais, que acrescenta o mérito a justiça dos seus fins. Imune de cair nas armadilhas dos argumentos daqueles aos quais se opõem. Vemos, no legado destes ativistas e pensadores um toque de esperança e um chamado ao atino da razão em tempos nem tão pacíficos e racionais (JORDIS, 2007, BRUNS, 2006). Recentemente, Judith Butler, uma das intelectuais de grande projeção atualmente, escreveu obra, a qual destaca a mensagem destes pensadores, em destaque ao autor que aqui analisaremos: *A Força da não violência: um vínculo ético-político*. Neste livro, vemos renovar o interesse pela mensagem deste mártir dos direitos civis. Texto no qual, esta autora, ainda revisita os escritos políticos de Gandhi, reafirmando o vínculo entre ambos (BUTLER, 2021). Entendemos a relevância desta investigação, haja vista ser o aspecto formativo do autor ser objeto de poucos estudos aprofundados. O pacifismo e a preocupação em construir caminhos em direção a ela é um dos temas mais relevantes da atualidade. Encontramos no autor, elementos essenciais a serem compartilhados.

Os exemplos de confrontos sociais, atingem diferentes escalas e esferas da vida. Podendo ocorrer tanto em termos da esfera pública, quanto privada. Atinge países em Guerra declarada ou assume contornos menos evidentes (BUTLER, 2021). Passaremos, a breve descrição dos aspectos metodológicos empregados. Passaremos a algumas considerações de cunho metodológico.

METODOLOGIA

A metodologia aqui empreendida se baseou em estudo de cunho bibliográfico, no qual seguimos a seguinte ordem de procedimentos analíticos: (1) localização e tradução do texto *My Pilgrimage to Nonviolence*. Publicado originalmente em Nova Iorque, no ano de 1958; (2) seleção de textos de autores relevantes atuais que tenham

ênfático o tema do conflito social e tenham dissertado acerca do ativista aqui estudado. Encontramos neste caso textos de Judith Butler, que suportam nossa interpretação (BUTLER, 2018, 2021). (3) Uma vez estabelecida a literatura principal, buscamos estabelecer outras referências de cunho complementar. Destacamos, neste caso, uma coletânea dos escritos políticos de Mahatma Gandhi e versão da obra *Desobediência Civil*, de H. D. Thoreau (GANDHI, 1996, THOREAU, 2019). Após, os procedimentos iniciais, foi necessário traduzir os trechos de interesse, para a análise posterior, o qual se encontram em idioma original neste artigo, mas sucedido de nossos comentários e interpretação. Em seguida, procedemos à decomposição dos trechos selecionados, realizamos o fichamento de nossas leituras e somente depois, começamos a escrita. Foi seguido o procedimento de narrativa cronológica na qual, em base aos textos selecionados, estabeleceu nossa investigação, descrição de: (a) autores lidos e estudados por Martin Luther King, (b) ao longo de seu percurso de vida. Deste modo foi possível perceber em que fase de sua vida, cada um dos filósofos relevantes impactou sua obra e de que modo. Observamos, o autor se posicionou criticamente, ante a literatura a qual se dedicou. Sendo citado de modo diverso ao ler filósofos de grande impacto cultural e político, em destaque a Nietzsche, Marx e Hegel. Notamos, sua adesão a dois autores principais, já citados: Gandhi e Thoreau. Foi encontrado outros temas, ao nosso ver, pertinentes a serem investigados, mas, ao distanciarem dos objetivos desta pesquisa não foram aprofundados.

Destacamos neste caso: (a) a sistemática de organização proposicional em princípios simples, complementado por argumentos, um modelo de oratória comum a cultura anglo-saxônica. Por conseguinte, aos modelos discursivos norte-americanos. (b) As referências a temática religiosa cristã, tal como o título do artigo em foco a evocar a figura dos Peregrinos (*Pilgrins*). Os pioneiros colonizadores, dentre os quais houve, nos anos iniciais, e os povos nativos, espírito de aproximação e respeito. Ideal que não persistiu constante. Apenas para recordar, nosso autor, tinha por profissão o sacerdócio. Tendo atuado como pastor. Além disso, possuía doutorado em Teologia, sendo conhecedor destas questões culturais do seu país. Ao desviar destes temas, foi possível manter o foco nos aspectos éticos, políticos e de mudança social. Na descrição dos seus princípios e formação intelectual.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção, buscaremos traçar um paralelo entre os dados biográficos do pensador em análise e o desenvolvimento de sua busca por argumentos e na construção de uma técnica de ativismo político plausível e eficaz para a transformação social da sociedade na qual viveu. Nascido no Sul dos Estados Unidos (Atlanta, Geórgia) no dia 15 de janeiro de 1929, viveu em uma época na qual a segregação racial em espaços públicos era legalmente instituída e rigorosamente praticada, especialmente naquela região do país. Filho de um pastor batista, desde muito cedo sentiu o chamado à vida religiosa. Para melhor se preparar junto a carreira escolhida, ingressou a *Faculdade Morehouse* em 1944, com apenas dezenove anos obteve seu título de Bacharel em Artes na área de Sociologia (1948). Estudou teologia junto ao *Seminário Crozer* da Pensilvânia e mais tarde obteve junto a *Universidade de Boston* seu título de doutorado (1955), contava vinte e seis anos (BRUNS, 2006). Após este período de instrução foi designado como pastor junto à Comunidade de Montgomery, no Alabama; iniciando a partir de então sua projeção nacional junto ao movimento em defesa dos direitos civis, especialmente após os eventos ligados ao boicote junto ao sistema de transporte local e sua política segregacionista nos ônibus municipais. Neste período atuou junto a socióloga e ativista Rosa Park. Ele buscou um meio pacífico de ação social.

Em 1963, realizou em Washington, D.C., seu famoso discurso *I have a dream!* Sendo naquele ano considerado o “homem do ano”, pela revista *Time* e em 1964, laureado com o prêmio Nobel da Paz. Posteriormente, em sua memória foi instituído um feriado nacional norte-americano, que leva seu nome.

A maior parte da obra escrita de Martin Luther King está dispersa em inúmeros *discursos*, a maioria deles publicados em jornais locais por onde de sua ocorrência, mais tarde, reproduzidos em outros periódicos de maior tiragem. Além destes, podem ser incluídos seus *sermões*, tese doutoral, trabalhos acadêmicos e cartas abertas. Dentre os documentos consideramos um texto de destaque o artigo: *My Pilgrimage to Nonviolence* (KING, 1958). Este texto foi escrito no período da guerra fria no qual muitos ativistas sociais e mesmo artistas de *Hollywood* eram investigados e “acusados” de adesão ao marxismo. Em parte, neste documento, King define não apenas, e com clareza, os princípios que norteiam suas ações, o escopo dos autores

que percorreu em sua peregrinação em busca de referências junto a causa que aderiu. Escrito uma década antes do seu assassinato, pode ser considerado um dos seus opúsculos mais importantes, apresentando os autores que considerou, algumas das obras com as quais entrou em contato e estudou, o período correlato do seu processo formativo no qual as leu, sua adesão ou distanciamento ante tais pensadores. Relevante observar que neste texto, o autor segue uma ordem cronológica das suas leituras e influências, mesclando sua trajetória pessoal e teórica. Neste autor, seu percurso de vida e desenvolvimento intelectual e formativo não são dissociados. Passaremos então a sua apreciação.

A motivação de Martin Luther King em favor da justiça social e contra a repressão sofrida pela população afrodescendente estadunidense, está associada à sua experiência ainda juvenil, na cidade de Atlanta, na qual ocorriam atos bárbaros contra as pessoas de cor, incluindo linchamentos, presenciou violência policial e injustiças econômicas. Desde então, sua vida se direcionou a compreensão e a militância visando a mudança social. O primeiro autor, com o qual entra em contato, o qual destaca como relevante aos seus propósitos foi Henry David Thoreau, autor que relata ter lido ainda nos anos de calouro junto a *Morehouse College*, no ano de 1944. Vemos, curiosas aproximações entre a biografia deste ensaísta norte-americano e a do eminente líder pacifista:

(1) Ambos criticaram o sistema de leis, considerados por eles, imorais e inaceitáveis.

(2) Foram, em tempos diferentes, defensores do povo afro-americano; pois em sua época Thoreau foi um abolicionista. Enquanto King, laborou, pelos direitos civis, que visava a inclusão justa deste grupo minoritário

(3) Os dois também enfrentaram o aprisionamento, por defenderem suas ousadas ideias e crenças. Separados no tempo, representavam, cada um ao seu modo, o mesmo espírito de luta-pacífica por justiça social (BRUNS, 2006).

Percebemos, na declaração que o próprio autor tece sobre a influência recebida do pensador *Transcendentalista*, seu conterrâneo, o quanto este foi o primeiro marco filosófico por ele considerado (BRUNS, 2006). O ensaio sobre a *Desobediência Civil* de Henry David Thoreau, foi lido e relido muitas vezes. Segundo afirmou “*Este foi meu primeiro contato intelectual com a teoria da resistência não violenta*” (KING, 1958), afirmando ainda que se viu fascinado pela ideia de não

cooperar com um sistema do mal. Mas, o ousado Thoreau, seria apenas o primeiro, de uma série de filósofos com os quais ele teria contato, mais ou menos aprofundado, em sua trajetória acadêmica. Recordamos, o fato de que de cada um deles, tomou posicionamento crítico, em face aos seus próprios valores e aplicabilidade de suas teses em relação a sociedade norte-americana entre os anos de 1948 e 1958. Interlúdio que consideramos, os anos de formação de King. O autor ainda situa no período de seu ingresso junto ao Seminário Crozer (1948), sua busca por um método para eliminar o mal social (*Social Evil*). Nesta época, dedicava grande parte do seu tempo a leitura de filósofos sociais, dentre eles, Walter Rauschenbusch, autor de *Christianity and the Social Crisis*. Reconhece que, o sacerdote, deve se preocupar com o bem-estar espiritual, e material dos seus adeptos. Após as leituras deste teólogo, afirma ter se dedicado “*A serious study of the social and ethical theories of the great philosophers, from Plato and Aristotle down to Rousseau, Hobbes, Bentham, Mill, and Locke*” (KING, 1958, p. 06). Vemos então, que em seu período de formação acadêmica, a filosofia social foi objeto privilegiado dos seus estudos, uma preparação para a liderança que em breve exerceria. No entanto, alguns pensadores lhe chamaram em especial atenção, tendo a eles se dedicado com maior intensidade. Em relação a Karl Marx, afirma estar especialmente interessado no apelo que a ideia do comunismo exercia sobre muitas pessoas. Sendo assim, situa no período dos feriados natalinos de 1949, a leitura do *Capital* e do *Manifesto do Partido Comunista*. Não adentraremos a todas as suas considerações acerca deste pensador em relação ao qual possui uma posição ambígua, pois embora reconheça alguns pontos relevantes, vê sua proposição *materialista*, incompatível com as convicções religiosas de um pastor. Como afirma, acerca de tal perspectiva secularista: “(...) *Has no place for God*” (KING, 1958, p. 07). Embora não seja objeto deste ensaio, cujo propósito é mais generalista, notamos que neste texto do ilustre líder americano, Marx é entre os filósofos clássicos o qual tece maior número de considerações, o que denota a apreciação sistemática e análise aprofundada dos escritos daquele autor. Destaca ainda as leituras que realizou da obra de Hegel, que incluíram três das suas obras mais relevantes: *Fenomenologia do Espírito*, *Filosofia da História* e *Filosofia do direito*.

Outros três pensadores que julgou relevante assinalar em suas leituras na busca por referenciais teóricos, foram: A. J. Muste, Friedrich Nietzsche e Mahatma Gandhi. Do primeiro aprendeu o valor do pacifismo e o horror à *guerra*, concluindo

que ela só pode contribuir para o aumento do mal no mundo. Assinala a leitura da obra *Genealogia da Moral* de Nietzsche e de ter, estudando os conceitos de além-do-homem (*Superman*), vontade de poder (*The Will to Power*), termos que adota em língua inglesa; além da crítica nietzschiana aos valores morais judaico-cristãos. Julgamos relevante assinalar, que neste artigo, há a precisa referência bibliográfica, em nota de rodapé, das obras (edições) de Nietzsche consultadas por King, que abaixo transcrevemos:

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *The Genealogy of moral*. New York: Macmillan, 1897.

_____. *The Will to Power*. Edinburgh: T. N. Foulis, 1909.

Neste texto de King, há cuidado, nem sempre presente em outros de suas obras, em apontar com precisão os exemplares consultados de cada autor. Usamos os casos descritos acima, enquanto forma de ilustração, tomando o cuidado de anotá-las segundo as normatizações usuais em nosso país, preservando o teor no idioma original. Sobre o efeito que a leitura do filósofo alemão teve sobre King, suas próprias palavras o dizem: *“During this period I had about despaired of the power of love in solving social problems. Perhaps my faith in love was temporarily shaken by the philosophy of Nietzsche”* (KING, 1958, p.07). Embora, a leitura de Nietzsche, tenha tido para o líder afro-americano, um efeito desalentador, isso não significou recuo em relação a sua jornada intelectual, nem cessou sua busca pelo entendimento amplo e aplicável acerca das desigualdades e injustiças sociais.

O contato com o pensamento de Gandhi ocorreu por intermédio da mensagem transmitida pelo então Reitor da *Howard University*, Dr. Mordecai Johnson, em um sermão dominical que assistiu em Filadélfia, o qual relatou suas impressões acerca da doutrina do líder pacifista indiano após uma curta viagem à Índia. Desde então, King relata ter lido várias obras sobre ele, ficando especialmente impressionado com sua doutrina do *Satyagraha*, que resulta, como ele próprio explica, da junção dos termos *Satya* (amor) e *Agraha* (força), em outros termos: a força do amor. Escolhemos esta tradução, por não encontrarmos exata correspondência ao termo em nosso idioma. Em discurso proferido em agosto de 1929, Gandhi define-os nos termos de: manifestação viva de fé (GANDHI, 1996). A crença inabalável em uma verdade. Havendo neste sentido, significados peculiares ao contexto cultural da Índia, e que fogem aos propósitos deste estudo aprofundar (GANDHI, 1996). No entanto, Martin

Luther King afirma ter mergulhado profundamente nesta filosofia do líder independentista aqui referido. Relata, ter ficado particularmente impressionado com suas campanhas de resistência não violenta, tendo então gradualmente superado seu ceticismo, acerca do poder do amor, fé abalada, em nosso entendimento, após os estudos nietzschianos que empreendeu. Conclui, após a leitura dos ensinamentos do sábio indiano (*philosophy of Gandhi*), líder independentista da Índia; podemos resumilas em dois pontos: inicialmente, entende que Gandhi foi a primeira pessoa que empreendeu elevar os princípios éticos de Jesus acima das meras relações entre indivíduos, em direção à um poder efetivo social de grande escala. Entendeu, que para o líder indiano o amor poderia ser entendido, enquanto poderoso instrumento para a transformação social coletiva. Tendo encontrado, a filosofia da não-violência proposta por Gandhi, vendo nela, um método de libertação dos oprimidos em seu empreendimento. Em segundo lugar, obteve a satisfação de encontrar neste autor, referenciais em sua busca intelectual e moral. Êxito não obtido na leitura de outros filósofos. Não havia se dado por convencido (cita o utilitarismo de Bentham e Mill, as teorias contratualistas de Thomas Hobbes e Jean-Jacques Rousseau, o *superman* de Nietzsche, o método revolucionário de Marx e Lenin), etapas de uma jornada pessoal no campo da filosofia, em busca de um caminho coerente a suas crenças, mas eficaz para mudar o mundo.

O último intelectual relevante que destaca foi o teólogo e também filósofo Reinhold Niebuhr, autor de *Moral Man and Immoral Society*. Martin Luther King afirmou ter tido contato com sua obra, ao longo do seu último ano de escola teológica. Viu neste pensador objeções ao método da resistência não violenta, especialmente em sua capacidade de enfrentamento a regimes tirânicos. O sério argumento de Niebuhr em relação ao pacifismo em movimentos sociais residia no ponto central da sua eficácia. Pois para ele, só seria possível obter resultados quando houvesse no lado oposto elementos de consciência moral, que com o tempo despertariam. Deste modo, explica a vitória obtida por Gandhi ante o Império britânico. King, confrontou as teses de Gandhi e Niebuhr, chegando a conclusão de que o verdadeiro pacifismo não é *não resistência ao mal*, mas *resistência não violenta ao mal*. Havendo entre ambos, grande diferença (KING, 1958).

Martin Luther King, lembra com consideração seus professores de filosofia e teologia na Universidade de Boston. Destaca os nomes de Edgar S. Brightman e

Harold DeWolf. Recordando seus ensinamentos sobre teorias da personalidade e ideia de Deus pessoal. Quando terminou seu período de estudos em 1954, considerava-se completo em sua instrução filosófica, para enfrentar os desafios do mundo da prática. Relevante observar suas palavras acerca dos eventos ocorridos em Montgomery, relativos aos protestos e boicote ao sistema de transporte local, que segregavam até então cidadãos afrodescendentes a parte de trás dos veículos de transporte urbano (ônibus). Gerando uma onda de protestos que originaram a marcha sobre Washington em 1963 e revogação das leis segregacionistas. Em tradução livre, versamos suas palavras:

Quando os protestos iniciaram, minha mente consciente ou inconscientemente, se dirigiu de volta ao Sermão da Montanha, com seu sublime ensinamento, sobre amor, e o método da resistência não violenta de Gandhi. Na medida em que os dias iam se desdobrando, eu tornei a ver o poder da não violência (...). Vivendo através daquela experiência de protestos, a não-violência se tornou mais do que um método, ela veio a ser um compromisso com um modo de vida. Muitas das coisas que não me eram claras acerca da não-violência se resolveram na esfera da ação prática (KING, 1958, p. 09).

Até aqui, tivemos a oportunidade de estudar os relatos de Martin Luther King acerca do caminho intelectual que percorreu, desde seus anos juvenis até a formação final, seus estudos em filosofia, teologia e sociologia em destaque aos autores que o impactaram. Descrito em suas próprias palavras em um texto esclarecedor, que nomeia autores, obras e conceitos. Quando o destino o colocou-o no centro dos eventos em prol dos direitos civis, o encontraram, um homem intelectualmente preparado e comprometido com um modo de resolução do conflito. O resultado do encontro entre suas bases teóricas e as situações encontradas propiciou elaboração de seus *seis princípios*, simples, para nortear a ação social dos militantes aderentes a causa que abraçou.

Observamos, o modelo sistemático do estabelecimento de princípios é recorrente e comum à cultura norte-americana. Mesmo a constituição daquele país, não é mais uma carta de parâmetros simples. Dos princípios se desdobram os conceitos. Este um modo de estruturação que permite ao mesmo tempo, à existência de parâmetros de referência e um amplo espaço para a liberdade e adaptações.

Derivado do encontro entre sua instrução intelectual, que incluiu leituras, estudos e títulos no campo da filosofia, teologia e sociologia à atuação prática nesta

mobilização pelos direitos civis da população negra norte-americana, King instituiu um conjunto de seis preceitos ou princípios que nortearam suas ações e a de seus seguidores. Passaremos, então, a breve exposição e análise de cada um deles. Este conjunto de preceitos pode ser encontrado em diferentes fontes, usamos uma versão disponibilizada pelo *The Martin Luther King, Jr. Center for Nonviolent Social Change* (KING, 2022). Segue abaixo, enumerados os seis princípios que conformam o sistema ético proposto por Martin Luther King. Mantemos o título original em inglês, seguido de uma tradução livre e comentário:

01 - Nonviolence is a way of life for courageous people. It is active nonviolent resistance to evil (KING, 2022).

A não-violência é um modo de vida, que de modo algum deve ser confundido com acomodação ou qualquer tipo de complacência com o mal no modo de ser da sociedade. Não deve ser entendido com passividade, mas, meio de resistência. No entanto, em breve ficará claro, exige por parte de seus praticantes, perfeita coerência entre os meios e os fins aos quais se dedicam.

02 - Nonviolence seeks to win friendship and understanding. The end results of Non-violence is redemption and reconciliation (KING, 2022).

A não-violência busca construir amizade e entendimento. Como expressa o princípio acima, esta prática social tem por metas a reconciliação e a redenção. Visa transformar, no final do processo, adversários e inimigos em amigos. Em uma época de divisões e conflitos, vemos em King um chamado pela razão. O propósito conciliatório deve acompanhar o processo de mudança social.

03 - Nonviolence seeks to defeat injustice, not people. Nonviolence recognizes that evildoers are also victims (KING, 2022).

Este é um ponto realmente inovador em seu tempo. Pois, enfatiza o combate a injustiça não as pessoas que a praticam. Considerando-os também vítimas, necessitando eles próprios de redenção. Vemos aqui, o semblante do modo de ser e de agir de outros grandes militantes da causa da pacifista:

04 - Nonviolence holds that suffering can educate and transform. Nonviolence willingly accepts the consequences to its acts (KING, 2022).

Este princípio da não-violência é talvez o mais desafiador aos seus praticantes. Pois, envolve a disposição em sofrer, se necessário, jamais fazer sofrer. Implica a aceitação de que em atos de resistência pacífica, eventualmente é possível haver consequências pessoais, mas que sofrer como vítima pode produzir algo de positivo, pedagógico e instrutivo, até mesmo para aqueles que perpetraram tais atos. Representa uma fé no bem da essência humana, empatia e uma manifestação de espírito de sacrifício e caráter de seus praticantes. Eventualmente, aqueles que lutam por justiça, podem sofrer injustiças. Foi o caso de nosso autor que chegou a ser aprisionado, por um curto período de tempo, por defender a justiça social.

05 - Nonviolence chooses love instead of hate. Nonviolence resists violence to the spirit as well as the body. Nonviolence love is active, not passive. Nonviolence love does not sink to the level of the hater. Love restores community and resists injustice. Nonviolence recognizes the fact that all life is interrelated (KING, 2022).

Os praticantes da não-violência escolhem o amor ao invés do ódio, resistem a violência no espírito da mesma forma como estão determinados a não praticar fisicamente atos que possam lesar outros corpos. Desafia seus praticantes a não apenas não odiar aqueles que cometem injustiças contra eles, também a amá-los. O amor sem violência. não desce ao nível de quem odeia. O amor restaura a comunidade e resiste à injustiça. A não violência reconhece o fato de que toda a vida está inter-relacionada. Este ponto é muito importante, pois se preocupa com a preservação dos laços comunitários, com a preservação do bem-estar comum, daqueles que após a resolução dos conflitos precisarão conviver. Afirma o óbvio de que o ódio não constrói e coclama ao desafio bíblico de amar seus inimigos.

06 - Nonviolence believes that the universe is on the side of justice. The nonviolent resister has deep faith that justice will eventually win (KING, 2022).

A não-violência acredita que o universo está do lado da justiça. O praticante da resistência não violenta possui uma profunda fé segundo a qual a justiça eventualmente vencerá. Em algumas versões mais antigas deste preceito podia ser encontrado termo *Deus (God)*, ao invés de *universo*. Podemos supor que a preferência

pelo uso do termo universo, se deva a objetivação de uma neutralidade religiosa. Pois, não é necessário ser adepto de qualquer religião para praticar os princípios propostos. Observamos, neste princípio, o elemento da crença no ideal de *justiça*. Como se a realização do bem, por conseguinte, a superação do mal ocorresse no sentido da ordem natural das coisas. Como se houvesse, no espectro da vida, uma tendência natural para que a justiça social emergisse. Evidentemente, esta perspectiva abriga percepção otimista de que o fim almejado irá se concretizar.

Até aqui, estudamos em um breve resumo a vida e a formação intelectual de Martin Luther King, através do estudo do texto *My Pilgrimage to Nonviolence* (1958), tivemos acesso a um relato autobiográfico no qual, ainda muito próximo aos acontecimentos de Montgomery (1955), ele torna claro e em ordem cronológica os autores e eventos que o influenciaram. Podemos contemplar em seguida os seis princípios simples relativos à ética da não-violência, mais que um método um modo de vida (*way of life*) e um compromisso otimista com o futuro. Na próxima seção, ponderaremos aspectos de interesse ético e filosófico, acerca do autor e seus ensinamentos e da pertinência destes em nosso tempo. Até aqui, destacamos de Martin Luther King, os aspectos de formação geral e autores que o influenciaram. Contudo, julgamos ser correto recordar o fato de ter sido ele um pastor, por profissão. Portanto, podemos perceber que seus princípios postulados acima, em nada contradizem os ditames de sua fé religiosa.

Na obra *A força da não violência*, vemos uma interpretação contemporânea da obra e da mensagem de Martin Luther King. Notamos ainda a aproximação que a autora faz em relação aos seus predecessores intelectuais: Mahatma Gandhi e de Henry David Thoreau (BUTLER, 2021). Nesta perspectiva, percebemos uma abordagem que privilegia o ativismo social transformador, enfatizando o potencial de enfrentamento e mobilização dos seus princípios. Ela também reforça a relação intrínseca entre ética e política, princípios e mobilização. Notamos as possibilidades de releitura do pacifismo ativo e as relações entre mobilizações populares verificadas nas últimas décadas, como os protestos que inspiraram a obra *Corpos em Aliança e a Política das Ruas*, desta mesma autora (BUTLER, 2018).

Livros e conferências, realizadas por Judith Butler, nos anos recentes, demonstram o pleno vigor das ideias pacifistas, mesmo em tempos turbulentos, nos quais vivemos. Em nosso entendimento, são em épocas sombrias, que as luzes da

razão e a sabedoria dos autores aqui recordados, se faz mais necessária. Indo além do ideal da tolerância, proposto por Voltaire, King nos surpreende com a proposta de conciliação e entendimento, com seu otimismo em relação ao futuro. Uma teleologia esquecida. O fim, ao qual nos destinamos. Fraternidade universal.

Antes, de adentrarmos em nossas considerações finais, pontuamos algumas reflexões. Recordamos que o título do artigo analisado em profundidade em nosso artigo: minha *peregrinação para a não violência*, em uma tradução livre; faz menção aos pais fundadores dos Estados Unidos, os pais peregrinos, em sua tradição histórica, que no início do século XVII, aportaram a Nova Inglaterra, com o sonho de construir um mundo livre, justo e fraterno. Uma cidade sobre a Colina (*The City upon a Hill*), em referência ao discurso proferido no navio Arbela, por um dos primeiros governadores de uma das colônias inglesas originárias da América do Norte. Naquele momento, o Sermão da Montanha, foi recordado, tendo assim, sido traçado o propósito de trazer ao mundo a glória do céu. No imaginário daqueles colonizadores, se encontrava o sonho de fazer daquela terra a ser desbravada um lugar melhor do que o conflituoso velho mundo, o qual deixaram. Não por acaso, quando aqueles pioneiros completaram seu primeiro ano, vivos no novo mundo, decidiram celebrar, compartilhando a refeição com seus amigos e vizinhos, pessoas nativas daquelas terras. Dando origem ao feriado conhecido hoje e rememorado a cada ano, o *Thanksgiving*: o dia de ação de graças. Com esta observação, percebemos que os discursos de King, possuíam um forte apelo simbólico ao imaginário americano. Referências que, aos estudiosos estrangeiros, pode passar despercebido. Mas, não ao pesquisador atento.

Este apelo de King ao imaginário popular, aos símbolos fortes da cultura popular, a religiosidade da sociedade civil, tão bem relatada por Alexis de Tocqueville em seu livro *A Democracia na América*, foi, sem equívoco, um dos pontos fortes da oratória empreendida. Afinal, mostrava a contradição entre as práticas do domínio privado e da “devoção humanista”, no círculo dos íntimos, enquanto no domínio público injustiças eram perpetradas. Contradição evidente. Poderíamos aprofundar nossa análise nestes aspectos; preferimos enfatizar o teor simples dos seis princípios simples por ele proposto. Neste sentido, o autor em análise apresenta outras nuances, ao denunciar a hipocrisia reinante no cotidiano da América. Uma nação entre sonhos e realidades, por vezes contrastantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existem momentos históricos, a partir dos quais as instituições mudam e as práticas sociais cotidianas são alteradas em definitivo. Os efervescentes anos que se seguiram desde os eventos de Montgomery (1955), no Estado sulista do Alabama, deram início as transformações profundas nas leis norte-americanas, no sentido da garantia das condições de paridade relativa aos direitos fundamentais dos cidadãos daquele país. Nesta seção, desejamos demonstrar que o ideal de igualdade e o humanismo, como princípio Moral e político, já estava presente, bem antes da campanha pelos direitos civis, iniciada na década de 1950. Recordamos, neste caso, dois autores, representativos destes ideais, separados no tempo pelo contexto das suas existências. O primeiro deles é Thomas Paine, que em cartas e manifestos, reunidos na obra “*Os direitos do homem*”, ratifica em terras americanas os princípios já expressos na filosofia de Jean-Jacques Rousseau, no *Contrato Social*, aos quais aderiram os revolucionários franceses desde a queda da Bastilha.

Acreditamos que o texto acima exposto, nos permite afirmar com convicção que os seis princípios para a não-violência, propostos por Martin Luther King resultam de uma longa jornada pessoal, de estudos e leituras que lhes consumiram uma década de instrução formal (1944-1955). Através da síntese apresentada do seu texto *My Pilgrimage to Nonviolence*, podemos observar a influência de filósofos do porte de Hegel, Marx e Nietzsche em seus estudos. Podemos divisar que tipo de influência cada um deles, entre outros, tiveram sobre seu pensamento. Entendemos haver justificativas suficientes para lê-lo, não apenas ativista social, mas também como um intelectual, cuja obra, em seu conjunto possui relevante interesse filosófico, nas perspectivas da Ética e da teoria Moral.

Dentre os pensadores significativos para ele, podemos destacar Henry David Thoreau, autor que conheceu em idade juvenil e conforme o relata, leu e releu muitas vezes. Sendo o autor do *Ensaio sobre a Desobediência Civil*, em muitos aspectos exemplar para King, pois ambos se opunham à opressão sofrida pelo povo afro-americano, mesmo em contextos diferentes (escravismo e direitos civis), os dois chegaram a ser presos por suas convicções; nenhum deles considerava a violência uma alternativa válida.

Outro líder que por sua doutrina teve grande ascendência sobre King, foi Mahatma Gandhi. Com sua doutrina relativa ao poder do amor (*Satyagraha*), o pastor batista estadunidense viu uma expansão da própria doutrina cristã, não confinada a escala dos indivíduos, mas ampliada ao espaço da sociedade, como instrumento de transformação, aliando mudança e paz. Relevante destacarmos, que Martin Luther King, incorporou com naturalidade uma filosofia oriunda do oriente (Índia), quando muitos ainda fazem ressalvas se outras fontes de sabedoria não radicadas na Grécia são filosoficamente válidas. O que demonstra seu escopo de pensamento abrangente.

Seria plausível objetar que em seu percurso intelectual o autor mescla o estudo de obras de campos diversos, a teologia e a filosofia; mas em um olhar retrospectivo, boa parte da filosofia medieval pode ser caracterizada por seu esforço conciliatório entre ambos. Com evidência, em São Tomás de Aquino ou Santo Agostinho. Apesar das ponderações teológicas, naturais a um seminarista e pastor evangélico batista, seus princípios basilares se apresentam com a objetividade não excludentes crentes de qualquer ordem ou mesmo ateus. Recordamos ainda, ter sido o autor portador de diploma no campo da Sociologia. De modo algum contraditório, os princípios por ele propostos podem ser interpretados ou vividos: modo de vida ou modelo filosófico, um sistema de ética pessoal baseada em base de valores, ou ainda: técnica de mudança social e ativismo político. Estes, modos de interpretação, mesmo complexos, não são em nada contraditórios, permitindo a adesão de postulantes com perspectivas diversas. Vemos, então, o potencial aglutinador da simplicidade.

A partir das leituras que realizamos até aqui, podemos perceber que a forma de resistência pacífica proposta pelo líder norte-americano não é de forma alguma acomodação ou covardia. Ao contrário, exige coragem, em primeiro lugar de sair da conformidade e de desafiar o sistema, em segundo lugar, o de arcar com os efeitos disso, mas, sobretudo a qualidade essencial de se negar a possibilidade do ódio e da violência. O pressuposto reside em sua crença de que o bem vencerá. Há um otimismo essencial. O pacifismo força, não fraqueza.

Em nosso entendimento, podemos fazer uma comparação entre o autor escopo deste ensaio e o pai do Positivismo; Augusto Comte afirmou o lema: “*Amor por princípio, a ordem por meio e o progresso por fim*”, podemos entender os seis princípios da *não-violência* como uma versão de “*O amor por princípio, meio e fim*”.

Em um sentido abstrato os princípios da não violência se referem mais ao: “*como fazer*”, do modo adequado do agir, ao invés de *ordens do que fazer*. Possui o mérito de uma vez superado o conflito, todos podem ser considerados vencedores, pois os que se sentem injustiçados, lutam sobretudo para que no final da disputa, todos possam ser amigos. A mensagem é não apenas não odiar seu adversário, ao contrário, manter desde o princípio a disposição em amá-lo.

Embora, tenham sido elaborados em um contexto histórico específico, os princípios aos quais no referimos, ultrapassam a circunscrição geográfica ou temporal. Havendo muito a ser estudado a seu respeito, não obstante, possam ser resumidos em apenas uma página. As raízes filosóficas e o diálogo com a tradição do pensamento ocidental e oriental são um vasto campo de investigação a ser explorado. O texto da peregrinação pessoal de Martin Luther King aqui exposto é prova deste debate.

Para muitos, as proposições pacifistas de Gandhi e King, podem ser alvo de ceticismo. Mas, de fato, mesmo pagando um alto preço por isso, ambos foram vencedores, afinal: a Índia se tornou um país independente e o segregacionismo institucionalizado foi superado na América do Norte. O bem pode triunfar sobre o mal, o *mal social*. Os princípios da não-violência parte do entendimento de que: *fins éticos, exigem meios éticos* (CHAUÍ, 2005). Deste modo, será possível construir uma sociedade mais justa e fraternal. Na qual todos possam ser vencedores e o mal finalmente vencido. Outra conclusão que chegamos, após o estudo realizado é a de que os *Princípios da não violência*, postulado pelo autor, não se restringem em sua aplicabilidade ao tempo e território em que viveu. Sua abrangência transcende os limites históricos em que foram originados, sendo ainda hoje uma mensagem a todos os que querem abraçar o pacifismo, ao fazer do mesmo um modo de vida.

Ao longo da pesquisa que empreendemos, causou espanto observar que autores tão distantes em termos de cultura originária e formação religiosa diversa, no caso, Gandhi e King, puderam se aproximar, nos termos de seus ideais. Embora, compartilhassem o mesmo idioma, por razões do colonialismo. Satyagraha, também pode ser entendido desde a junção dos termos “verdade” e “firmeza constante” (GANDHI, 1996). Esta interpretação, pode ser esclarecedora, ao entendimento, da convicção firme e inabalável que moveram os ativistas pelos direitos civis, liderados pelo discurso pacífico, em nenhum sentido conformista, que aqui estudamos.

Concluimos a relevância do tema e pertinência da aplicabilidade de suas singelas e profundas teses, mesmo em outras situações.

REFERÊNCIAS

BRUNS, Roger. **Martin Luther King, Jr: a Biography**. Westport, London: Greenwood, 2006.

BUTLER, Judith. **A força da não violência: um vínculo ético-político**. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2021.

_____. **Corpos em aliança e a política das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2005.

GANDHI, Mahatma. **Selected Political Writings**. Cambridge: Hacked, 1996.

JORDIS, Christiane. **Gandhi: biografia**. Porto Alegre: L & PM, 2007.

KING, Martin Luther. **The six principles fot nonviolence**. Atlanta: Martin Luther King, Jr. Center for Nonviolent Social Change, 2021.

_____. My Pilgrimage to Nonviolence. PD. **Fellowship**, n. 24 (1º September). New York, 1958.

_____. **The Martin Luther King, Jr. Center for Nonviolent Social Change**. Disponível em: <https://thekingcenter.org/> Acessado em: 10 jan. 2022.

THOREAU, Henry David. **A Desobediência Civil**. São Paulo: Vozes, 2019.

Daniel da Rosa Eslabão

Doutor em Sociologia pela Universidade do Porto (FLUP, UP,) Portugal (2017). Doutorando em Filosofia na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), ingresso em 2020. Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria, UFSM (1998). Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pelotas, UFPel (1996). Licenciado em Filosofia pelo Instituto Claretiano (2012). Licenciado em Sociologia pela Univeridade do Norte do Paraná (UNOPAR), 2019. Possui como áreas de Interesse: (1) história do pensamento e das teorias sociológicas, (2) Sociologia ambiental, (3) Filosofia Social, (4) Teorias Sociológicas contemporâneas, (5) História da Filosofia e (6) Filosofia prática (Social, Política e Ética), (7) Relações teórica entre Sociologia e Filosofia, (8) filosofia Moral, (9) Psicologia e Psicanálise.